

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE**

Atividades e Artes na Educação Infantil:

Inquietações de uma professora.

Marina de Souza Gorsky

**Porto Alegre
2010**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE**

Atividades e Artes na Educação Infantil:

Inquietações de uma professora.

Trabalho de Conclusão do Curso de
Especialização em Pedagogia da Arte,
do Programa de Pós Graduação em
Educação da Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul
Orientadora: Prof. Dra. Paola Zordan

Marina de Souza Gorsky

**Porto Alegre
2010**

Dedicatória

A todos meus alunos e crianças que contribuíram de maneira significativa na minha formação e acreditam em um futuro melhor. Aos meus colegas educadores que acreditam na formação do sujeito como criativa, transformadora e emancipadora.

Agradecimento

Satisfação em poder compartilhar a conclusão deste trabalho com meus pais Frederico e Cecília (in memoriam) meu companheiro Marcelo, minhas irmãs Letícia, Juliana e Natalya, meus sobrinhos Paula, André e Arthur e com meus cunhados. Que sempre estiveram ao meu lado transmitindo segurança, novas aprendizagens, respeito e carinho. Amo-os.

Resumo

Esta pesquisa qualitativa com caráter narrativo autobiográfico, realizada no Recanto Infantil Carrossel de Porto Alegre, objetiva facilitar o conhecimento dos processos de formação docente e defender com mais objetividade os mecanismos construtores da prática e do ensino de artes na Ed. Infantil. Refletir não apenas sobre o instrumento da própria história, mas sobre as aprendizagens decorrentes das ações em razão de cenas, registros e relatos durante os últimos anos na prática em sala de aula. A partir das análises de experiências pessoais da docência relacionadas às artes, pretendo fornecer informações que contribuam para reflexões sobre o trabalho pedagógico com artes na educação infantil enfatizando representações de gênero, estereótipos culturais, juízo estético e necessidade de figuração. Com o apoio dos estudos de Fernando Hernández e Howard Gardner penso a cultura visual e os modos de representação infantil.

Palavras-chave: Processo criativo da criança, Educação Infantil, julgamento estético, experiência docente.

Lista de figuras

Figura 1 Menino pintando no cavalete.....	16
Figura 1.1 Menina pintando no cavalete.....	16
Figura 2 Momento de criação e descontração na turma do maternal II.....	16
Fig.3 Pintura para a páscoa.....	20
Fig. 4 Pintura de rotina.....	20
Fig.5 Representação da escola X. (3 anos).....	23
Fig.5.1 Representação da escola Y. (3anos).....	24
Fig.5.2 Representação da escola Z. (3 anos).....	24
Figura 6. <i>Outdoor</i> publicitário da campanha de matrícula da rede de ensino La Salle.....	25
Figura 7 Meninas brincando de trem.....	26
Figura 8 Um homem fazendo algodão doce.....	26
Figura 9 Um carro.....	27
Figura 10 Um sol sabão e uma melancia estragada.....	27
Figura 11 Desenho de B março/2010.....	29
Figura 11.1 Desenho de B agosto/2010.....	29
Figura 12 Desenho de S abril/2010.....	29
Figura 12.1 Desenho de S setembro/2010.....	29
Figura 13 Desenho de D outubro/2010.....	30
Figura 13.1 Desenho de D outubro 2010.....	30
Figura 14. Bicho-papão desenho na lixa.....	31
Figura 15 Uma pessoa por S.....	32
Figura 16 Desenhos livres feitos em momento sem atividade dirigida.....	33
Figura 16.1 Desenho livre feito em momento sem atividade dirigida.....	34
Figura 17. Desenhos orientados por uma professora.....	34
Figura 18 Menina produzindo e sua pintura espontânea.....	35

Sumário

Introdução.....	8
1 - Inquietações de uma professora.....	10
2 - Azul é o de menino.....	15
3 - Datas comemorativas: reproduzir ou inovar?.....	18
4 - Bonito para quem?.....	22
4.1 - Murais e <i>o julgamento estético</i>	25
4.2 - Paula faz melhor que João.....	28
5 - “Mão de gato”: o adulto incontroverso.....	33
6 - Considerações finais.....	36
7 – Referências Bibliográficas.....	37

Introdução

Durante minha formação em pedagogia e como professora de Educação Infantil nos últimos dez anos me inquieto com o modo como trabalhamos com o ensino de artes em sala de aula. Será que realmente damos relevância para aprendizagens significativas para as crianças desenvolverem uma concepção concreta, nas aulas de Ed. Infantil, sobre artes?

Por que os adultos interferem na produção e na representação da criança? Quando determinamos quais cores, que tipo de material, o que deve ser produzido, o que é belo, o que as garatujas representam, estamos condicionando um modo peculiar de produção. Ao limitar as possíveis representações das crianças será que também não estamos restringindo um futuro julgamento pelas artes?

Questões relacionadas ao ensino de artes na Educação Infantil encontram-se pertinentes tanto durante a formação docente quanto na prática pedagógica. Como constatam Susana Rangel Vieira da Cunha, Sandra Richter e Marly Meira é necessário um maior esclarecimento sobre os processos de criação artísticos nas escolas. Grande parte dos professores se sente despreparada para o ensino de artes com crianças.

A pesquisa tem como metodologia a história de vida usando a intuição como método, conforme as idéias de Henri Bérghson (1859-1941) que defende que a realidade é sentida e compreendida absolutamente de modo direto com o objeto. Concordando com Mario Osorio Marques(2002):

Pela memória, o homem é ser que aprende, isto é, pela capacidade de imprimir continuidade e consistência a seu ser alicerçado no conhecer e no querer, construído na palavra e na ação.
(p.206)

Os estudos foram realizados na cidade de Porto Alegre, na Escola de Ed. Infantil Carrossel, instituição privada que atende crianças do 0 aos 6 anos de idade. As observações foram feitas simultaneamente ao trabalho realizado na escola como professora da turma de maternal II com crianças de 3 e 4 anos.

As anotações do diário de campo foram feitas no caderno de registros diários. Os dados foram coletados entre abril e novembro de 2010. Foram observados os processos criativos e os desenhos de crianças da turma do maternal II e também cenas relacionadas ao trabalho de artes visuais, tais como:

Cena 1: Durante uma atividade em que as crianças realizam pinturas no cavalete com tempera, uma educadora retirou o pincel da mão de um menino para que parasse de usar a cor rosa lhe oferecendo a tinta azul.

Cena 2: O impacto que causei ao não seguir a orientação dada em agosto pela Direção. A escola solicitou as professoras para carimbar a mão dos alunos com até 4 anos em um avental de algodão para presentear os pais. Permitted que os aventais fossem pintados pelas crianças de forma espontânea.

Cena 3: Duas educadoras observando o gradil da turma de maternal II onde ficam expostos os desenhos das crianças descrevem os desenhos que consideram bons/bonitos e sugerem exposição dos mesmos no mural central da escola.

Cena 4: Enquanto uma criança desenhava a educadora indicava os itens a serem registrados, o céu em cima azul, em baixo o chão pode ser verde ou marrom, o rosto tem nariz. Inclusive segurando a mão da criança ajudando-a a fazer um círculo para servir de sol.

Serão analisadas detalhadamente nesse texto as cenas em conformidade com as idéias de Fernando Hernández e Howard Gardner de que os educadores devem auxiliar seus alunos a desenvolver a consciência sobre os próprios processos criativos. Gardner (1999) ao estudar o desenvolvimento artístico da criança fala que durante a idade pré-escolar as expressões das crianças são cheias de poesia, de modo que as interpretações infantis sobre o mundo são livres de conceitos. Ao ingressarem nas series iniciais do ensino institucionalizado modificam suas representações artísticas. Então não precisamos antecipar etapas.

Diante das afirmações de Gardner como podemos pensar no trabalho de professor que colabore para que nossas intervenções não façam estagnar os processos criativos de nossos alunos. Como analisar as produções e representações das crianças sem tentar encontrar significados que sejam apenas relevantes para a compreensão do adulto. Olhar a produção infantil como uma manifestação da linguagem sem priorizar o preparo para leitura e escrita e sim a experiência concreta.

O que se quer ao analisar os dados é reconhecer, convir que os processos criativos das crianças derivam das diversas experiências do conhecimento e que não estão presas a um único modo de pensar. Com esse trabalho pretendo proporcionar espaços de criação e dar orientações adequadas para professoras de Ed. Infantil no que diz respeito ao trabalho artístico, repensar o modo como trabalhamos nas escolas. Para esclarecer não apenas os professores, mas os familiares e adultos que fazem parte do desenvolvimento de cada criança.

Inquietações de uma professora.

Faz tempo que me questiono sobre as concepções que ensinamos para as crianças sobre artes durante as atividades nas instituições que oferecem aulas para educação infantil, principalmente aos alunos com idade inferior a cinco anos. Frequentemente ao convidar as crianças para fazer alguma atividade dirigida com materiais diversificados como folhas coloridas, tintas e giz de cera usa-se a expressão “vamos fazer trabalho de artes”. Não que seja inadequado, porém a dúvida que tenho é porque quando vamos ouvir música, brincar com expressão corporal ou até mesmo ir para o pátio também não dizemos “vamos trabalhar com artes”.

Passa-me a sensação que Artes fica relacionada apenas aos trabalhos manuais e focalizada nas artes visuais. Mesmo ao se trabalhar somente com as artes visuais, talvez não a tratemos da maneira mais adequada como deveríamos. Nem sempre é permitido a experimentação espontânea onde a criatividade individual seja manifestada e observada. Os trabalhos são reproduzidos em série e o uso dos materiais fica restrito aos de uso comum pela maior parte das escolas, como folha ofício e lápis coloridos.

Pode parecer uma visão um tanto quanto pessimista descrever minhas idéias dessa maneira, até porque sei que existem muitos espaços que já realizam o trabalho em educação infantil de modo muito mais abrangente, onde as atividades são motivadas dentro uma percepção libertadora e criativa. Assim como a que defendo para as aprendizagens de artes, mas não apenas para as de artes, mas como para todas as áreas de conhecimento. Para Fernando Hernández:

A arte, os objetos e os meios da cultura visual contribuem para que os seres humanos construam sua relação-representação com os objetos materiais de cada cultura. Nesse sentido, a cultura visual contribui para que os indivíduos fixem as representações sobre si mesmo e sobre o mundo e sobre seus modos de pensar-se. A importância primordial da cultura visual é mediar o processo de como olhamos e como nos olhamos, e contribuir para a produção de mundos, isto é, para que os seres humanos saibam muito mais do que experimentaram pessoalmente, e para que sua experiência dos objetos e dos fenômenos que constituem a realidade seja por meio desses objetos mediacionais que denominamos como artísticos. Hernández (p.52, 2000)

Minhas inquietações, no entanto não são com as escolas e educadoras que realizam uma formação diferenciada e de qualidade, e sim com aqueles grupos de professores que ainda não conseguem se emancipar de valores conservadores da comunidade a qual prestam serviço. Ouço relatos de professoras de Ed. Infantil que não realizam atividades diferentes, pois tantos seus coordenadores, como os pais não permitem ou ficam insatisfeitos com tais práticas pedagógicas que permitam a criança a criar e se manifestar com

poética. Concordando com Sandra Richter:

A imaginação criadora permite à criança percorrer caminhos que conduzem a outros tempos e espaços. Dinâmica da sensibilidade que permite investigar realidades insuspeitas, tornando-se meio direto de aprendizagem ao transportar a criança a outros espaços e temporalidades, conduzindo-a do conhecimento ao desconhecido. É o prazer de poder repetir o que sabe, e na repetição inventar novidades. Significa ajudar cada criança através das texturas e cores da cultura, da linguagem do olhar e da configuração de imagens/objetos, a trazer intencionalmente o humano para as coisas – a poetizar o real. Richter (p.44, 2008)

Defendo o modo de ensinar sugerido por Richter, onde a criança possa criar e se manifestar através das artes sem estar fixo a padrões comuns.

Dentro dos valores que são transmitidos por nossa sociedade, aparecem aqueles de igualdade e liberdade, porém nem sempre conseguimos como educadores institucionalizados transferir essa mensagem. Não precisamos nos culpar tanto por isso, mesmo porque cada vez mais outros meios de informação como a publicidade das mídias, por exemplo, interferem de modo contrário na construção de concepções dos sujeitos, e as crianças não ficam de fora desse processo.

Para que não sejamos cada vez mais oprimidos por questões da mídia que se faz necessário um trabalho fortalecido nas artes. Quando o sujeito consegue identificar suas ações no meio e tiver consciência sobre elas ele se torna crítico e pode reconhecer o que lhe é mais saudável. Através das linguagens artísticas podemos construir os valores que julgamos ser os mais adequados na formação de nossos alunos. Conforme as idéias de Stuart Hall:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas-desalojadas- de tempos, lugares histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. (p.75, 2006)

Na verdade não ficamos livres, somos confrontados por diferentes identidades onde há difusão do consumismo, que causa o fenômeno da “homogeneização cultural”, cujo efeito é a tradução de todas as tradições específicas e todas diferentes identidades. O que antes definia a identidade agora se reduz a uma espécie de “língua franca” segundo o autor.

A criança aprende através de suas ações e mediações com o meio, assim constrói sua identidade. É importante que os adultos lhe proporcione espaços de aprendizagem com recursos interessantes e intrigantes, para que as intervenções sejam prazerosas e a criança possa se apropriar de novos conhecimentos. Se a melhor forma de realizar tais mediações é através do brincar, como enfatiza Piaget, as artes colaboram com efetividade com o desenvolvimento infantil.

Se o professor não se opuser as restrições que sofrem por parte dos adultos que são contra a libertação dos sujeitos ele torna-se insatisfeito com sua função. Desanimado termina sem cumprir seu papel fundamental de oportunizar novas aprendizagens ao grupo escolar. Não compreendo o posicionamento de uma educadora que concorde que meninas podem usar rosa e meninos não, ou que se fixar um desenho “borrado” no mural ficará feio e não será uma imagem positiva da turma na escola.

Há certa competitividade entre os trabalhos “bem feitos” e o “todo riscado” entre os adultos, que acabam transferindo isso para as crianças. Elas começam a se cobrar resultados de excelência desde muito cedo, pois demonstram receio em serem excluídos na turma pelo professor. A criança quer se identificar com o grupo

Quando não é dada relevância para estas situações na rotina escolar acabam se perdendo oportunidades de estimular o processo criativo da criança, pois ela acaba se reprimindo de seu espontaneísmo e começa a reproduzir somente aquilo que se torna agradável aos olhos do professor. Lamento em saber que isto ocorre com frequência em nossas escolas, e não somente no ensino de crianças.

Por que o professor insiste em valorizar o belo? E qual belo? Quais são suas referências para fazer tal julgamento? Percebo que pouco é discutido sobre esse tema durante as formações de professores, os assuntos parecem ser mais significativos em relação à construção da linguagem escrita e matemática, que algumas vezes também são trabalhadas equivocadamente na Ed.infantil.

Existe uma linguagem mais importante a ser ensinada do que outras? Em nossa cultura escolar brasileira parece que sim, pois a carga horária destinada às aulas de artes no ensino regular normalmente são menores do que as demais disciplinas curriculares.

Na educação infantil isso já não ocorre da mesma maneira, as artes são extremamente valorizadas, pois as intervenções dos professores se dão de forma lúdica na maior parte do tempo. A linguagem musical, teatral e visual é constante instrumento de aprendizagem para a criança, a rotina escolar de crianças menores se faz através de recursos muito semelhantes aos utilizados em atelier que servem para prática de aprendizagem das linguagens artísticas. Gardner refere (1999):

A abordagem cognitiva, exemplificada por pesquisadores como Jean Piaget e Jerome Bruner, interpreta a atividade simbólica preeminente como uma conquista intelectual... Os cognitivistas, correspondentemente, focalizam-se nos fundamentos intelectuais que apóiam o uso competente dos símbolos e preocupam-se com o uso dos símbolos em arte principalmente como evidência de crescimento mental. Gardner (p.106)

Para que de fato o processo criativo das crianças seja construído com autonomia é preciso que o educador tenha consciência e conheça seu dever de mediador contribuindo com uma prática de ensino capaz de ensinar aprendizagens significativas em que a criança possa se apropriar das linguagens trabalhadas em sala de aula sem achar que arte se restringe a um único olhar.

É preciso projetos adequados para caracterizar toda simbolização

artística com sensibilidade em relação aos aspectos cognitivos e afetivos com uma abordagem mais abrangente e acurada à atividade inicial artística, como enfatiza Gardner (1999).

Azul é o de menino

Gostaria de estar descrevendo uma novidade, no entanto acredito que não sou a única educadora a me deparar com questões de gêneros na educação infantil. O que noto a cada dia é que professores e adultos que circulam pelo espaço escolar normalmente definem quais são as preferências das meninas e dos meninos através das cores a serem usadas, pelos brinquedos, pelos desenhos animados da mídia, pelas brincadeiras e pelo comportamento.

E o que o ensino de artes tem haver com essa questão? Temas sobre as diferenças de gênero na história da arte foram constantemente explorados. Estudos colaboram para identificarmos as relações entre homens e mulheres e seus papéis sociais. Conforme Loponte (2010) as imagens de mulheres idealizam uma feminidade ideal ou uma feminidade desviada nas representações da arte ao longo da história, e enfatiza a necessidade de refletirmos sobre o tema.

O campo de estudos que envolvem a relação entre arte e educação tem muito ainda a aprender com as discussões mais contemporâneas sobre gênero e sexualidade. Compreender que a arte (artes visuais, teatro, música e dança) e sua aparente “inocência” contribuem para perpetuação de sexismos e a naturalização do “intolerável”. (Loponte, p.160, 2010)

A autora fala das relações entre arte e poder, como as imagens artísticas pode ser vistas, produzindo significados e como percebemos nossas próprias identidades sexuais e de gênero e dos outros na arte e na vida. A escola deve reconhecer que desde a infância essas representações de gênero perpetuam no nosso cotidiano.

A cena que irei descrever a seguir aconteceu durante uma atividade de pintura no cavalete com tempera na turma do Maternal II da escola observada.



Figura 1 Menino pintando no cavalete.



Figura 1.1 Menina pintando no cavalete.



Figura 2 Momento de criação e descontração na turma do maternal II.

Atividades como esta de pintura livre, onde é proporcionado um espaço de criação em um ambiente tranquilo com música, disponibilidade de materiais e sem a intervenção direta do adulto na produção pictórica faz parte da rotina da turma observada. A mediação da professora é apresentar os materiais que serão utilizados na atividade descrevendo suas características e funções, esclarecendo ao grupo de crianças os objetivos de um trabalho artístico onde

possam ser descobertas novas habilidades motora e afetiva dos alunos.

No entanto, torna-se necessário planejar ações com certos cuidados já que na escola não há um espaço específico para tal prática, possivelmente durante a atividade as crianças possam deixar cair tinta na sala de aula e roupas, o que incomoda muitos adultos. É simples evitar este desconforto, basta forrar o chão com jornal e usar aventais ou camisetas grandes nas crianças. Deixar de fazer esse tipo de atividade por motivos de limpeza é que é uma lastima entre os professores e funcionários de uma escola. Algumas professoras relatam ser esse um dos motivos de não trabalharem frequentemente com arte pictórica.

Meninos e meninas se deslumbram da mesma maneira durante a atividade, como nos diz Richter *a pintura permite, a quem pinta, viver de muito perto a experiência do mundo pela luz para participar, com todo seu ser, do nascimento incessantemente renovado de um universo*. As cores utilizadas fazem parte da construção do conhecimento do processo criativo. O adulto não precisa interferir na escolha das cores, mas ao contrário na prática escolar, muitos professores evitam cores escuras como preto e marrom, e também cores femininas e cores masculinas, este é o ponto de meu ceticismo.

Ressalto a cena cuja educadora assistente durante a atividade de pintura livre faz uma intervenção desnecessária e arbitrária, ela retira o pincel da mão de um aluno e lhe oferece a tinta azul, fazendo com que o menino parasse de utilizar a cor rosa, e fala para o aluno que não pinte com rosa que é cor de menina. Quando questionada o porquê dessa ação medíocre, responde que o pai do menino iria reclamar ao ver a pintura do filho em tons de rosa, seria difícil de explicar que a ação de pintar não interfere na sexualidade do menino, o pai não entenderia que se tratava apenas de um trabalho escolar.

Compreendi a preocupação da educadora, mas discordo, não podemos deixar que a insegurança e desinformação dos pais interfiram no processo criativo das crianças. Ao invés de proibir o uso do rosa para meninos devemos desmistificar essa cultura popular e salientar que a arte na infância não segue padrões e sim a busca por novas simbologias. Richter (p. 50, 2008) esclarece:

Pela produção pictórica as coisas nascem coloridas, nascem pela ação mesma da cor. A criança exercita as possibilidades lúdicas de poder escolher, a partir da ação provocativa da cor, a produção de mundos. Mundos afetivos. Por essa escolha, atinge a cor desejada, essa cor combativa, tão diferente da cor aceita, da cor copiada.

Professores, principalmente os de Educação Infantil, devem enfrentar o debate franco e esclarecedor com os pais de seus alunos. Refletimos com Hall sobre a multiplicação das significações e representações culturais que nos confronta pela multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais podemos nos identificar.

O sujeito pós-moderno tem seu processo de identificação cada vez mais provisório, variável e problemático, podemos como educadores mediar de maneira mais tranquila essa identificação do sujeito sem determinar deste da infância uma identidade que pode ser passageira.

Através do ensino de artes podemos elucidar as questões de gênero na educação infantil sem ser impositivo, conforme Hernández por meio da arte na educação, pode ser possível aliar duas formas de representar o mundo, ou um conglomerado de representações complexas e de difícil articulação. Azul não é de menino e rosa não é de menina, basta deixar claro a todos.

Datas comemorativas: reproduzir ou inovar?

Corpo sensível que entrelaça visão e movimento, que não é somente receptividade, mas também impulsividade, pois apenas olhar para as coisas não nos desafia a deflagrar ações. Sandra Richter

Até o atual momento tento não reproduzir a cultura das datas comemorativas com meus alunos. Não por não concordar em comemorá-las, mas por achar que o modo como é trabalhado na educação infantil seja ultrapassado e sem significado para as crianças do séc. XXI. Hoje não precisamos mais ficar presos a padrões estéticos homogêneos como no

período clássico, a cultura pós-moderna nos permite criar outras formas de manifestações.

Fico insastifeita com os modelos prontos de coelhos brancos de páscoa, coração para o dia das mães, gravata no dia dos pais, o caipira de dente quebrado, o Noel cheio de roupa em pleno dezembro em um país tropical e outras representações encontradas com frequência nos murais escolares no período próximo das datas comemorativas.

Todos os anos parecem que são iguais aos outros quando trabalhamos com as crianças tais datas, entregam para os alunos um modelo pronto utilizado em vários anos anteriores e reproduzem em serie determinando cor e forma. Comprovo este dado através de meu pai, ele tem quatro filhas de idades distintas e 12 cartões feitos na escola iguais de quando éramos pequenas, a gravata e a camisa de papel, vejo o mesmo modelo sendo feito até hoje, imagine quantos mais ele teria ganhado?!

A representação de homem e mulher é sempre evidenciada nestas datas, porém sabemos que as famílias nem sempre são constituídas do mesmo modo, por isso devemos rever nossos conceitos e repensar o modo de representações de gênero na sociedade contemporânea. E evitar cair na mesma “armadilha” das nossas professoras da pré-escola de presentear os familiares com trabalhos artísticos da criança presos a padrões comuns.

As duas ilustrações a seguir mostram diferentes atividades com a turma observada. No primeiro trabalho a educadora tem o maior cuidado com o produto, uma criança por vez, pois este será exposto no mural da escola em comemoração a páscoa. Na outra atividade as crianças produzem a vontade com total autonomia sem preocupação com o resultado apresentado. Uso essas imagens para demonstrar a diferença entre trabalhos de rotina e trabalhos para serem divulgados para os adultos que circulam no espaço escolar infantil e também a diferença da ação das crianças durante a produção dos mesmos.



Fig.3 Pintura para a páscoa



Fig. 4 Pintura de rotina

Uma prática comum nas escolas para confeccionar lembranças aos familiares é carimbar a mão das crianças em objetos. Quando bebês é aceitável pois o bebê ainda não possui firmeza para segurar os instrumentos de desenho ou pintura, mas crianças com três ou quatro anos conseguem. Então por que não deixar a criança expressar seu sentimento ao confeccionar o presente?

Nem sempre o adulto aceita a representação gráfica da criança, ele percebe apenas o que olhos conseguem ver, não interpretam os rabiscos com algum sentido, apenas enxergam traços desorientados. O adulto não sabe que a criança pequena ao desenhar, como afirma Anning, usa *o desenho como instrumento para entender e representar importantes aspectos de suas próprias experiências pessoais e daquelas vividas das pessoas, dos lugares e das coisas.* (p.43, 2009). As crianças exploram as experiências individuais e representações da vida social através das narrativas ao desenhar.

Exemplifico tais questões com a segunda cena desta pesquisa. A reação das pessoas da escola quando viram os aventais de algodão pintados pelos alunos do Maternal II na comemoração do dia dos pais em agosto. A orientação da escola era que as únicas turmas liberadas para fazer desenho fossem as de jardim que trabalham com crianças com idade acima dos 5 anos, as crianças menores deveriam apenas carimbar suas mãos. Meus alunos de 3 e 4 anos não ficaram satisfeitos e alegaram que já sabiam pintar, concordei com as

crianças e forneci pincel e tinta livremente para que cada um pudesse transferir seus sentimentos e narrativas no desenho para seu pai. Em conformidade salienta Richter (p.60, 2008):

A criança utiliza o espaço ainda vazio do suporte para narrar algo, particularmente importante, naquele momento. Sobre a superfície, lenta e gradualmente vão surgindo manchas e figurações que fazem parte de uma fabulação extremamente coerente para o seu momento cognitivo e afetivo. Antes de tudo, a criança narra para si e depois para o outro, podendo ser simultâneo.

Uma colega professora ao ver quando estávamos pintando os aventais com as crianças antes da festa relatou ter achado-os bonitos, diferentes e originais, porém salientou que a Direção da escola pudesse criticar o trabalho. Ela tinha razão, fui questionada porque não segui a orientação dada e ainda me solicitaram que evitasse usar então cores escuras para não causar um efeito “feio”, assim evitar a reprovação das famílias.

Apenas duas crianças representaram a figura humana, tipo “girino” um círculo que sai pernas e braços, característica já apresentada nesta faixa etária e bem interpretada pelos adultos. As demais desenharam conforme as narrativas das situações da rotina com seus pais, como por exemplo, “meu pai brincando de pega-pega e me fazendo cócegas” e “meu pai feliz quando viu um bebê na barriga da minha mãe”. Estas representações não ficaram claras ao olhar a pintura, pois eram fundos coloridos com várias cores e texturas e nenhuma forma definida. Efeito bonito, mas sem significado aparente para alguns familiares.

Para minha surpresa, a aceitação foi melhor que a imaginada, a maioria das famílias aprovaram e demonstraram satisfação com o produto diferenciado dos demais colegas da escola, seus aventais eram autênticos e apresentavam com fidelidade o processo criativo de cada um. A própria escola se conformou com a nova proposta, romper com modelos comuns da cultura escolar popularmente disseminada e acrescentar uma visão sensível a produção pictórica infantil nas lembranças das datas comemorativas.

Bonito para quem?

Somos “torturados” diariamente por comerciais publicitários nas mídias, nas vias públicas, nos jornais e revistas, etc. que tentam impor o conceito de beleza a ser definida como ideal. Na educação, concordando com Richter (2008), desde a infância se estabelece prioridades ao fornecer uma realidade que será parâmetro para o que mais tarde considerarão adequados, bons e belos ao orientar os modos de comportamentos através dos objetos e brinquedos, dos espaços físicos, do tempo permitido, das ações e materiais pedagógicos disponibilizados às criança.

É preciso ter cuidado ao julgar as representações das crianças manifestadas através dos desenhos. Para não estabelecer um julgamento estético tão precoce entre os alunos e evitar o espírito competitivo entre melhor e pior desenho, assim não interferimos no processo criativo dos sujeitos em formação e ainda permitimos maior autonomia na construção da linguagem artística das crianças. “A maior e mais fantástica revolução que a criança realiza sobre si mesma é a passagem do plano das ações para o plano da simbolização” como explica Richter (p. 30, 2008).

Ao orientar seus alunos a realizar alguma tarefa envolvendo representações através do desenho permita que cada criança faça sua própria observação e interpretação do objeto trabalhado. Não se deve exigir uma fidelidade à imagem a ser descrita no desenho, até porque o mesmo desenho pode representar várias coisas ao mesmo tempo para a criança pequena com idade inferior aos 5 anos. A beleza esta nos olhos de quem produz mais no que no produto acabado. Perceber o quanto a criança se envolve na produção do seu desenho é mais importante do que considerá-lo bonito ou feio.

De acordo com Cristina Costa (2004) a história da arte empenha-se em definir os diversos movimentos estéticos dentro das tendências dos artistas de diferentes épocas, como a simetria e equilíbrio dos renascentistas ou a exploração de curvas e movimentos dos barrocos, o julgamento estético não é algo fixo. Explica ainda que “a beleza está condicionada a diferentes critérios,

conforme o tempo, o lugar, o sexo, a idade e o grupo ao qual pertencemos. A arte e belo não são, portanto, conceitos universais” (p. 25, 2004). Se a própria história da arte não oficializa a beleza porque nós professores de Educação Infantil teríamos de fazer?

Parece que há uma tentativa em estabelecer padrões de beleza através das produções das crianças. Mesmo que todos os desenhos sejam expostos em um lugar visível de fácil acesso, os considerados melhores serão fixados em posicionamento central ganhando maior destaque do que outros. E para quem é feito dessa maneira? Para satisfação do adulto, tanto um pai que se orgulhará da produção do filho, quanto uma professora. Mas quem decide o desenho destaque?

Na verdade não estamos discutindo beleza, mas a relatividade da beleza, o que emociona um pode não parecer belo para outro, a sensibilidade do olhar depende das experiências de cada um. Os alunos têm acesso à escola com uma identidade, uma biografia em construção, baseada em suas experiências de gênero, etnia e classe social e com uma série de noções sobre a autoridade e o saber, como descreve Hernández (p. 141, 2000).



Fig.5 Representação da escola X. (3 anos)



Fig.5.1 Representação da escola Y. (3anos)



Fig.5.2 Representação da escola Z.(3 anos)

Estas três figuras são representações da escola feitas por alunos da mesma turma. A proposta da atividade era circular pelos espaços escolares conversar sobre a rotina das crianças durante sua permanência na instituição e através do desenho relatar as experiências mais agradáveis do seu dia.

Podemos ver que nenhum desenho é idêntico ao outro, mas as diferenças nas narrativas são sutis. A fig. 5 foi feita por uma menina e mostra o pátio da escola onde gosta de brincar de escorrega com seus amigos, a fig.5.1 também é do pátio da escola feito por um menino que gosta de brincar no escorrega e de pega-pega, a fig. 5.2 foi desenhada por outro menino que gosta de brincar de pega-pega e fugir da chuva no pátio.

Professoras de outra turma ao olhar os desenhos citam que o da fig. 4 é o mais bonito e que a autora é mais madura da turma. Pode ser que sim, mas não podemos definir maturidade das crianças apenas pelos seus desenhos. Esta menina com certeza encontra-se em um estágio mais avançado em relação ao desenvolvimento do desenho, ela já consegue representar as simbologias através de figuras significativas à linguagem comum.

Podemos julgar qual o mais bonito neste sentido? Os outros dois desenhos não são belos? Porque a representação figurativa é mais bonita que a narrativa? O que se implica? Estética ou padronização?

A educação artística deve ser ensinada como libertadora, como explica Santos (2003), a estética deve ser pensada não apenas como o ponto de chegada, mas como o ponto de partida. As manifestações de crianças devem ser vistas com sensibilidade. A beleza esta em manipular e descobrir novas formas de linguagem.

Murais e o julgamento estético

O conceito de belo não implica somente o modo como se deve produzir artes, mas também quais os trabalhos dignos de exposição dentro de uma visão conservadora.



Figura 6. Outdoor publicitário da campanha de matrícula da rede de ensino La Salle

O destaque da foto do desenho na mão do menino é para discutimos sobre o *slogan* da campanha publicitária do grupo La Salle que diz: *Sou La Salle sou criativo*. Confesso que fiquei um tanto quando intrigada, o que significaria ser criativo com um desenho padrão, e ainda me perguntei se o desenho realmente teria sido feito pelo garoto propaganda de forma espontânea.

Penso sobre estas questões devido a uma das cenas registradas no trabalho, quando duas educadoras observando o gradil da turma de maternal II onde ficam expostos os desenhos das crianças descrevem os desenhos que consideram bons/bonitos e sugerem exposição dos mesmos no mural central da escola. Quais teriam sido os critérios para avaliar quais seriam merecedores de destaque? Presenciei este tipo de comentário feito não apenas por professoras, mas também por mães, inclusive uma fala em frente à filha que achava todos aqueles desenhos feios. Que tipo de estímulo é esse?

As crianças com as quais trabalhei nestes últimos anos, quando permitidas a criar, a ser criativas, frequentemente não reproduziam esse tipo de desenho destacado no outdoor. Mesmo porque ficavam muito contentes em saber que não seriam exigidos. O chão podia ser cor de rosa, o céu verde com chuva, sol, lua e arco-íris ao mesmo tempo, ora um traço podia ser um lobo outra um príncipe que salva a princesa, carros, motos, bicicletas, gatos, peixes, tartarugas voadoras e minhocas comedoras de carne, essas representações narradas pela criançada durante a produção de seus desenhos que chama minha atenção e considero criativas.



Figura 7 Meninas brincando de trem

Figura 8 Um homem fazendo algodão doce



Figura 9 Um carro



Figura 10 Um sol sabão e uma melancia estragada

Como educadora defendo que estas figuras de desenhos coletados durante a pesquisa representam com mais eficiência a criatividade das crianças do que o apresentado na publicidade. Mas a sensibilidade do público não receberia a mensagem intencionada pela propaganda, acredito que sim se houvesse espaço para as inovações na nossa cultura.

Porque uma rede de ensino considerada de qualidade como a La Salle precisa enfatizar uma imagem tão padronizada? Será que nenhum de seus alunos elabora desenhos diferenciados, ou a aceitação do adulto que esta em evidência? Sim a matrícula é paga pelos familiares e não pela criança, a criatividade ali representada é a de uma sociedade que culturalmente não foi permitida criar durante a infância, e hoje não conseguem visualizar outro tipo de representação gráfica a não ser aquelas trabalhadas pela escola conservadora.

Não posso condenar os educadores que ainda estão presos a estereótipos de configurações “perfeitas” do desenho da criança, há tempos que a escola não inova suas concepções sobre Artes, e maioria dos adultos se frustraram durante os processos de aprendizagem da linguagem simbólica na infância. O adulto que corrige em excesso ou se mostra insensível ao desenho da criança acaba limitando futuras produções do sujeito.

Hoje já encontramos professores que lidam melhor com esta questão do

desenho sem intervenção do adulto, porém na escolha para fixar um desenho no mural ficam retidos nos padrões ainda considerados belos ao olhar comum. Não podemos romper barreiras sem modificar nossa postura diante da rotina escolar. Os murais devem deixar de ser padronizados, as garatujas e rabiscos infantis das crianças menores não deve ficar escondidos, eles merecem tanto destaque quanto aqueles desenhos das crianças que já se encontram em uma fase mais avançada de reprodução da linguagem simbólica.

Paula faz melhor que João

A criança manifesta suas emoções e conhecimentos ao desenhar assim como o artista, ela não se preocupa em definir formas, mas em transmitir seus pensamentos no material concreto utilizado para tal fim. Deixar com que a criança transponha com espontaneidade seus pensamentos através do desenho é fazer com ela crie seus próprios processos.

Durante as aulas no período da pesquisa pude observar com um olhar mais crítico o andamento do trabalho com o grupo de crianças entre os 3 e 4 anos de idade, até onde as mediações feitas com os alunos estariam facilitando o processo criativo nas suas produções individuais. Estaria eu como professora intrigando a curiosidade e despertando o interesse pela representação através do desenho? Será que meu modo de trabalhar era adequado?

Diante dessa dúvida comecei a perceber que os avanços dos meus alunos ocorriam com naturalidade e segurança. Comparando os desenhos do início do ano letivo com início do segundo semestre, notei que a maioria do grupo apresentava maior domínio na manipulação dos instrumentos de trabalho e que as definições das suas figuras ficavam cada vez mais claras, e os traços daqueles que ainda não apresentavam notável expressividade já estavam mais firmes e próximos de produzir imagens legíveis.



Figura 11 Desenho de B março/2010



Figura 11.1 Desenho de B agosto/2010



Figura 12 Desenho de S abril/2010



Figura 12.1 Desenho de S setembro/2010



Figura 13 Desenho de D outubro/2010

Figura 13.1 Desenho de D outubro 2010.

As figuras acima apresentadas mostram a evolução do desenho de três representantes da turma que estão em diferentes estágios de expressividade. A diferença de idade entre as crianças são meses.

As figuras 11 e 11.1 foram feitas por B, no início do ano a menina não apresentava muito interesse em atividades com giz de cera e lápis de cor, preferia atividades com tinta, massa de modelar e argila, também apresentava grande interesse pela literatura e atividades musicais. No decorrer das atividades durante o ano letivo foram apresentados outros tipos de texturas e materiais para a produção de desenhos que foram despertando a curiosidade da aluna. Suas formas começaram a ficar mais definidas e o interesse em expressar imagens fidedignas aumentou. Durante o Projeto Folclore trabalhado em agosto pudemos obter registros de grande expressividade da aluna, que se encantava com os contos e os reproduzia através de narrativas e desenhos. Abaixo uma das representações da aluna produzida após ouvir conto sem material de apoio ou ilustrado apenas narrativa e cantar cantigas de roda com os colegas.

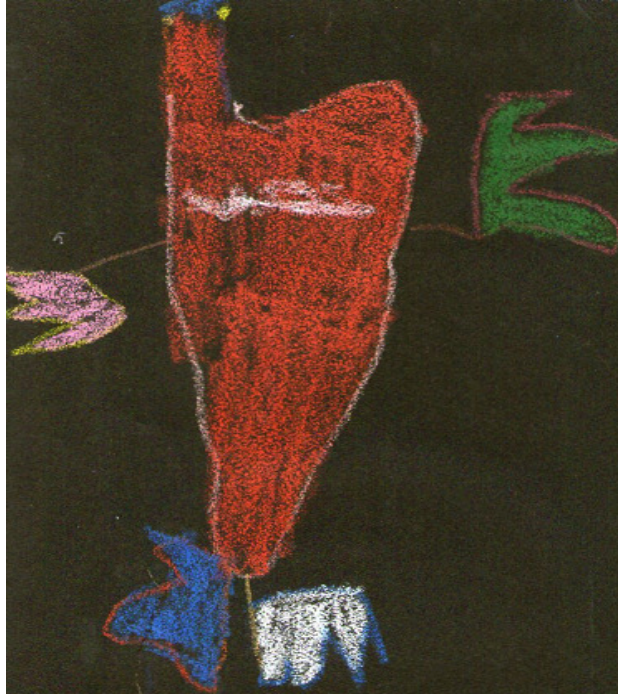


Figura 14. Bicho-papão desenho na lixa

O caso de S apresentados nas figuras 12 e 12.1 demonstra as representações de crianças de três anos que produzem linhas contínuas e contornos fechados para representar dentro e fora, combina linhas e contornos, produzem contornos separados, porém ligados, nomeiam marcas e a representação simbólica está emergindo, em conformidade com os estudos de Anning (2009).

São produções de uma aluna tímida que sempre demonstrou apreciar os momentos de atividades que envolvesse o desenho. Ficava concentrada e terminava seu desenho depois dos demais colegas, mas pedia para ficar desenhado, sendo respeitada no seu processo. Inicialmente segurava os materiais gráficos sem muita firmeza e usava poucas cores, no meio do ano aumenta suas narrativas durante a produção e as formas já ficam mais definidas e seu desenho mais colorido. No final do ano começou a representar a figura humana usando círculos e linhas, seu processo ocorreu sem ser exigido excessivamente pelas professoras, garantindo sua continuidade nos meses decorrentes, foi dada a segurança necessária para a aluna ter autonomia no seu processo criativo.

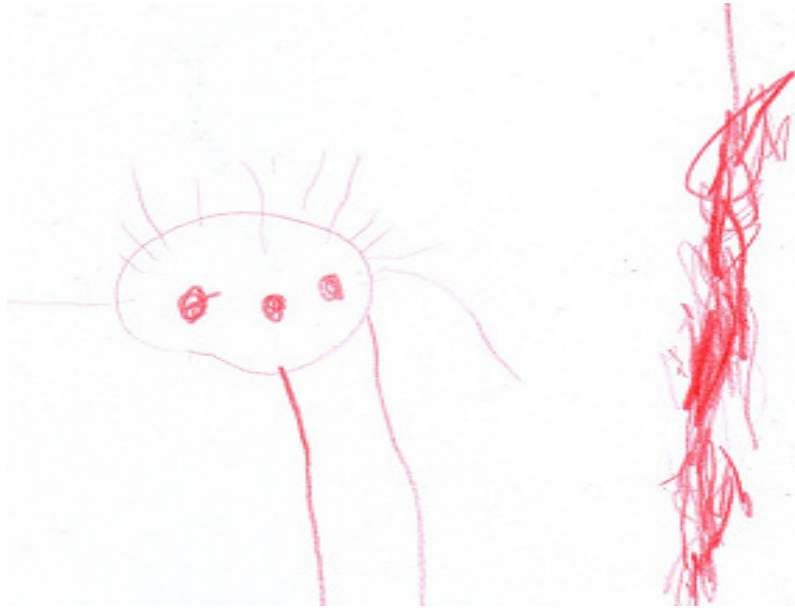


Figura 15 Uma pessoa por S

Os últimos exemplos apresentados nas figuras 13 e 13.1 são de D, criança que se apresentava bem disposta durante as diversas atividades escolares. Através das narrativas enquanto fazia suas produções era observado seu envolvimento afetivo ao desenhar, relatava fatos de seu cotidiano com a família, amigos e colegas, as brincadeiras preferidas, contos e fantasias diversas. Mesmo já representando figuras legíveis, seus desenhos mostravam contornos e linhas que num momento era uma baleia e já se transformava em um avião, a narrativa prevalecia no produto final. Deixar com que sua criatividade fosse manifestada através desse jogo lúdico com os materiais gráficos era mais construtivo do que exigir representações legíveis.

As comparações feitas algumas vezes por parte de professores e pais para decidir qual o melhor desenho, normalmente não se baseiam na evolução individual do processo criativo da criança e sim no julgamento do produto final em relação ao desenho dos outros. Essa é uma falha que nós educadores não podemos cometer, não que não tenhamos preferência por algum tipo de produção, mas ter o cuidado de não evidenciar frente ao grupo. Respeitar o tempo de cada sujeito se apropriar de novos conhecimentos e continuar a facilitar novas descobertas é a função do professor.

“Mão de gato”: o adulto incontroverso

Confesso que pensei que nunca ouviria esta frase mais de uma vez em minha vida: *“Atenção agora todos irão fazer um desenho livre, nele deve haver uma casa, uma árvore e céu com nuvens e sol. Não se esqueçam que o chão é verde e o céu é azul. Façam também um desenho de você com sua família.”* Minha total decepção é que ouço até hoje e por pessoas diferentes, um trauma de infância e inconformismo de educadora.

Desenho livre, alguém chama toda uma orientação, mais do que uma orientação, uma ordem de serviço de livre. Pergunto-me que tal desenho livre é esse? Onde esta a liberdade?

Como educadora penso em desenho livre como aquele produzido em momentos sem atividade dirigida, onde as crianças brincam na sala de aula com diversos brinquedos inclusive materiais gráficos. Podem ser dadas atividades orientadas, determinar um tema para ser desenhado, mas não precisa ser chamado de desenho livre, quando convidar os alunos para tal atividade orientada, por favor, professor, não diga vamos fazer um desenho livre, pois é uma inverdade.

Abaixo são desenhos livres feitos durante momento sem atividade em sala de aula e em seguida desenhos orientados por uma das professoras.

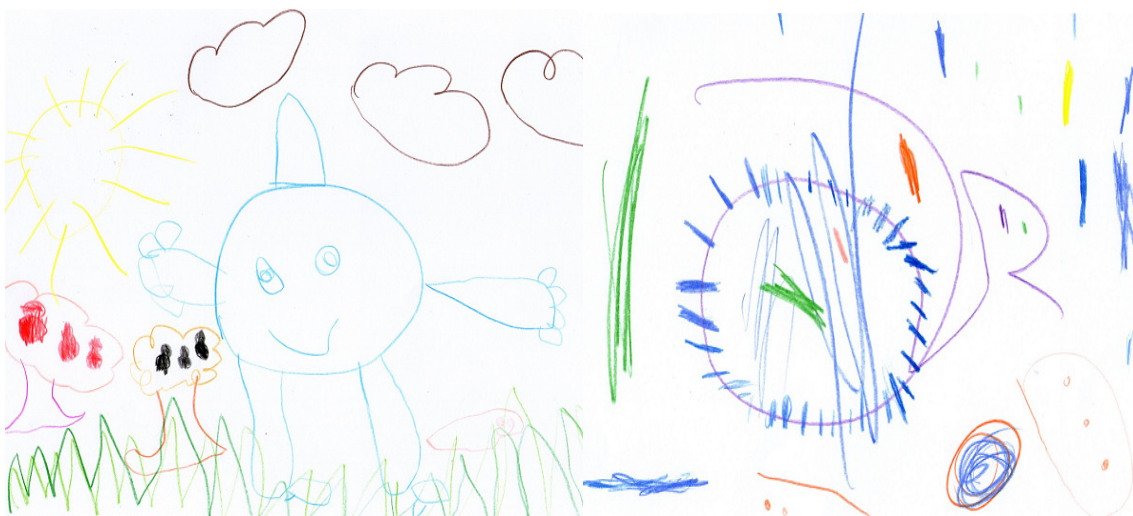


Figura 16 Desenhos livres feitos em momento sem atividade dirigida.



Figura 16.1 Desenho livre feito em momento sem atividade dirigida.



Figura 17. Desenhos orientados por uma professora

Ser espontâneo não quer dizer ser livre de influências. Isto, em si, é impossível pois em todo processo de viver com outros, em direção à crescente complexidade intelectual e emocional, assimilamos o que é significativo para nós em cada momento de vida. Sandra Richter (p.72, 2008)

Podemos observar que as crianças se expressam naturalmente e com muito mais espontaneidade quando desenham o que querem sem intervenção de um adulto. Parece que o adulto acaba limitando a criatividade da criança,

mesmo que não peça diretamente o desenho da figura humana, isso já está tão embutido na rotina escolar que o aluno apresenta aquilo que o professor quer.

Refleti sobre este tema diante de mais uma cena observada na escola estudada. Enquanto uma criança desenhava a educadora indicava os itens a serem registrados, o céu em cima azul, em baixo o chão pode ser verde ou marrom, o rosto tem nariz. Inclusive segurando a mão da criança ajudando-a a fazer um círculo para servir de sol.

A criança também representa a figura humana em seus desenhos espontâneos, porém não preocupasse em alinhar a figura no plano do papel, seus desenhos parecem flutuar, as cores utilizadas também são mais variadas quando não orientadas pela professora. Richter destaca que sofremos influencias constantemente e isso estará refletido nas produções artísticas de cada pessoa. O desenvolvimento cognitivo da criança não é afetado se não reproduzir a realidade quando desenhar.

Segurar a mão da criança e determinar o que deve ser produzido é algo inibidor e pode limitar produções futuras. Muitos adultos deixam de desenhar por experiências negativas na infância de correção excessiva e exigências dos adultos. Se quisermos que nossos alunos sigam a desenhar, devemos nos controlar em tentar fazer com que o produto final seja perfeito.



Figura 18 Menina produzindo e sua pintura espontânea.

Considerações finais

Construir um novo olhar sobre os processos criativos das crianças é o primeiro passo para uma transformação. Se desejamos um espaço educativo onde as crianças possam se apropriar de conhecimentos relevantes e significativos deve se tomar algumas atitudes em relação ao ensino de artes na educação infantil.

A simplicidade dada nas mediações feitas com os alunos de educação infantil nas atividades dedicadas ao ensino de artes, não pode ser adotada como prática docente. É necessário maior relevância e um planejamento bem elaborado com objetivos definidos.

Continuar a aceitar a intervenção do adulto na produção artística da criança sem refletir sobre o resultado futuro dessa ação inibi não apenas o sujeito em formação, mas também o professor que não se liberta de práticas conservadoras e reproduz uma cultura excludente, onde a arte é percebida apenas de um modo, ligada a padrões estéticos de beleza e reprodução.

O educador deve reconhecer a necessidade de inovar e atualizar seus conceitos sobre Artes e planejar sua prática com mais sensibilidade. Esclarecer aos alunos, colegas e familiares que a criança apresenta habilidades e capacidades de desenvolver seus processos criativos de forma espontânea, é imprescindível.

Nossos julgamentos estéticos não podem se fixar em uma cultura excludente e preconceituosa. Devemos sensibilizar o olhar dos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem durante a prática docente. Se queremos ser referência positiva e significativa na formação de nossos alunos devemos acreditar na relevância das Artes na educação de todos.

Não queremos apenas sujeitos que reproduzam uma cultura sem refletir sobre suas influências. Ensinar valores através da Arte para as crianças contribui para a formação de sujeitos críticos, criativos, e seguros de suas ações.

Referências Bibliográficas:

ANNING, Angela. **Os significados dos desenhos de crianças**/Angela Anning, Kathy Ring; trad.Magda França Lopes. – Porto Alegre: Artmed, 2009.

BRAZELTON, T. Berry. **Três a seis anos: momentos decisivos do desenvolvimento infantil**/T.Berry Brazelton e Joshua D. Sparrow; trad. Cristina Monteiro. – Porto Alegre: Artmed, 2003.

COSTA, Cristina. **Questões de arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico**. – São Paulo: Moderna, 2004.

CUNHA, Susana Rangel Vieira (org.). **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

GARDNER, Howard. **Arte, mente e cérebro**/ Howard Gardner; trad. Sandra Costa – Porto Alegre: Artmed, 1999.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**/ Fernando Hernández; trad. Jussara Hubert Rodrigues. – Porto Alegre: Artmed, 2000.

ICLE, Gilberto (org.). **Pedagogia da Arte: entre - lugares da criação**. - Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2010.

RICHTER, Sandra Regina Simonis. **Criança e Pintura: ação e paixão do conhecer**. – Porto Alegre: Mediação, 2008.

SANTOS, Fausto dos. **A estética máxima**. – Chapecó: Argos, 2003.